



MANUEL TOMÁS

CARTA DO PICO 295

A Condição de Ilhéu ⁽⁵⁾

Avelino de Meneses, afirma: “Porém, não causa espanto que a identidade açoriana sobressaia pela complexidade, jamais pela simplicidade, também fruto de uma herança problemática, a atrapalhar sempre a construção da unidade.” (p. 288) Sempre o mesmo: ilhéus dos ilhéus, insularidades na insularidade, a ilha sempre a marca principal, dêem por onde lhe derem. Nem a autonomia, com a sua “busca anelante” do “palácio encantado da ventura”, a unidade açoriana, conseguiu ser original. Na busca de unidade, a Autonomia Regional recriou o que já estava criado há muito, e não colocando “Angra do Heroísmo em São Miguel”, como outros o quiseram, mais não fez que manter e reforçar a tripolaridade antiga, à semelhança dos papas que assentaram o seu poder temporal-religioso sobre os alicerces (escombros ou pilares?) dos antigos imperadores... Bem podia, como sugeriu um ilustre picaroto, político autonomista de primeira leva, governante e deputado, ter criado uma “nova Brasília” no Pico, talvez no Corre-Água, digo eu (!) para ficar mais a meio do planalto frio, e assim conservar a qualidade. Das ideias... Como era autonomia política regional dos Açores, até por razões de unidade, pragmatismo e economia, até podia ter-se concentrado num único local e dar, por essa razão, mais evidência às ilhas, na rela-

ção com o arquipélago. É que dividir tanto, pode ser reinar coisa nenhuma! (Ou alguém reinar na divisão!) No site da Autoridade Tributária e Aduaneira, em 2018, ainda existem os três distritos nos Açores. (Durante muito tempo existiram como os ex-distritos!)

“Coexistem, de facto, vários Açores nos Açores, e não nos remetemos à condição geográfica nem administrativa das ilhas /.../” (p. 203) Quem o diz é Alzira Silva. A autora elenca vários aspectos dessas diferenças e fala do papel unificador do discurso político-administrativo, dos símbolos identitários, da intervenção da RTP-Açores, e até do culto do Espírito Santo, como a manifestação mais popular de todas as ilhas, deveras popular e que sempre fugiu ao controlo do poder político, sempre houve eleições nas irmandades, e do poder religioso, nunca se deixou subjugar completamente às ordens da igreja. E a Autonomia política escolheu a segunda-feira do Espírito Santo para celebrar o “seu dia”. Mas, mesmo nas festas do Espírito Santo, as sopas variam de ilha para ilha! Às vezes, dentro da mesma ilha.

Há, nesta revista, Povos e Culturas – A Ilha em Nós, de que vos tenho vindo a falar nas últimas cinco crónicas*, textos de grande erudição e de muitas citações bibliográficas, ensaísmo académico, há os de grande profusão concepcional, há-os muito juntinhos à autobiografia, há os rasos de nomes

daqueles ilustres e reconhecidos, de “obra consistente” (p. 282), como diz Victor Rui Dorez. Alguns têm mostrado a “condição de ilhéu”, a nós e ao mundo, pela literatura (sobretudo) e por outras artes, mas nisto de citações é sempre complicado deixar de fora os que acabam sempre por ficar. Às vezes dizem que é demasiado local, quando por analogia com a frase de Miguel Torga, acharia que o regional devia ser o local sem paredes. Bem sei que no Pico há muitas paredes e muitos marroços, por enquanto ainda só portugueses... (mas com o entusiasmo dos incautos, ainda descobrirão algum ascendente da linhagem de Cleópatra, ou de um fenício perdido no tempo da viagem, dando origem ao “homo valverdii”, já esclarecidamente apontado por Victor Hugo Forjaz...) Será mais uma manifestação do “padecimento de desimportância” de que falava José Martins Garcia, o melhor picaroto de todos, como dizia Dias de Melo!

Esqueci, em cima da minha secretária, a de madeira e de vidro, o convite para participar nesta tarefa gigantesca de falar sobre a “condição de ilhéu”. Agora agradeço, hic et nunc, esta oportunidade de vos importunar, sem assédio (quero eu!) e, como Reis Leite, só sei que “procuro a minha Ítaca sem esperança de a encontrar” (p. 28), até porque se a encontrasse, talvez perdesse a graça, porque a ilha em frente é bonita, mas a que não está

e se adivinha é ainda mais bonita, precisamente porque não existe.

“E disse Raul Brandão/ ‘o melhor de uma ilha/ é a ilha em frente’./ Mas não./ O melhor de uma ilha/ É a ilha ausente./ Aquela que talvez/ Sequer exista./ E é a que vês/ Sem ser vista.” (Manuel Alegre, “Primeiro Poema de São Caetano”.)

E, com a picarota Norberta Amorim, direi: “Como açoriano, estarei sempre algo perdido num mar de desafios.” (p. 325)

O desafio é este livro de referência e a ele haverá, com toda a certeza, muitos regressos esclarecidos e para esclarecer...

O que existe, ainda, e ainda bem, é também o regresso dos garajaus em cada temporada de seus cânticos indispensáveis e assim me despeço com a “canção do garajau”: “Partir na voz do vento/ Ouvir as asas do vento/ Estar e não estar/ Tocar no seio do vento/ E ver a onda/ No momento de salgar a alma./ Partir na voz do vento/ Regressar em toada molhada/ Pela rocha e pelo relento/ Sem sotavento/ Sem barlavento/ Sempre à deriva/ Na amura de um fado. (in Marroço)

Esta é a minha condição de ilhéu, porque a ilha está em nós! ❖

* (Povos e Culturas, (n.º21/2017), publicada em Abril de 2018, com o título A Ilha em Nós, do CEPCEP, da Universidade Católica Portuguesa. Apresentação, na Horta, no dia 14 de Maio, em sessão presidida pela Exma Presidente da Assembleia Regional.)